

Conteúdos imateriais simbolicamente significantes

Immaterial content with symbolic significance

por [Aldo de Albuquerque Barreto](#)

Resumo: "Esta luz prodigiosa da manhã dava, ao grande panorama, já planetário, uma transfigurada aparência, dum colorido imaterial" ¹a frase do poeta indica o objeto do artigo os significados imateriais, simbolicamente significantes, que podem ser acessados através de uma base física em um fluxo um da informação. Um discurso inicial de significação é sempre a elaboração de um autor, mas quando distribuído associa em sua amplitude a leitura por um receptor e com ele a uma interpretação ou reconstrução do que nele consta. Um texto se significados imateriais é feito de narrativas múltiplas e enunciados que entram em diálogo e contestação e que, no final se acumulam no leitor que lhes dá forma. É para o leitor que se destinam todas os códigos pelas quais os conteúdos imateriais são elaborados. É uma constatação que a sua finalidade não está em sua origem, mas no seu destino.

Palavras-chaves: Imateriais; Estrutura da informação; fluxo da informação, conjuntos simbólicos, Les immatériaux, Centro Georges Pompidou em Paris.

Abstract: "This miraculous light of the morning gave to the scenario, already planetarium, a transfigured appearance, of a colorful immaterial picture" ¹ this phrase of the poet indicates the aim of the paper to deal with immaterial information meanings that are symbolically significant and that are disseminated both via one physical base and one flow connecting the generator and a receiver of an content. An statement of significance is always proper of an author, but when is distributed associates in its amplitude the readiness condition from the receiver and his own interpretation. A text is made of multiple narratives of immaterial significance until it reaches the receiver as it is intended for him, the reader with all his life references. Its our statement that the purpose of an immaterial content is not bound to its origin but to its destination.

KeyWords: Immaterials, Structure of information, flow of information, symbolic content, Les immatériaux, Georges Pompidou Center in Paris.

Introdução: Os Imateriais, os conteúdos e a mercadoria simbólica.

Espero poder mostrar neste artigo como as condições da estrutura ² e o fluxo da informação podem influenciar na apreensão de significados em um processo de construção de conhecimento. Para falar de estrutura e fluxo de informação é preciso indicar em nosso entendimento o que percebemos sobre esta questão e seu relacionamento com enunciados ³ lançados para troca de informação. Como operam as estruturas e o que é um texto ⁴ e o que é um fluxo. Que tipos de inscrições podem estar nessas estruturas e de onde vem e para onde vão os fluxos da informação?

Pensamos a informação como sendo o conjunto de conteúdos simbolicamente significantes com a competência de gerar conhecimento em um indivíduo, e por seguimento, em seu espaço de convivência. Acreditamos que a informação esta escrita em um formato ou em uma estrutura. Esta estrutura pode ser o papel, um formato digital, pedras de um sitio arqueológico, por exemplo. Mas, estamos tratando aqui só com a informação inscrita e em um formato físico e que seja de interesse para seres humanos. Narrativas que quando reunidas estabelecem um contexto de documentação social.

Um bom exemplo de uma informação em sua estrutura é o texto, um conjunto de expressões de uma escrita em uma base, com a multiplicidade de configurações das possibilidades de um idioma; o texto constitui um todo unificado passível de ser distribuído por um canal de transferência de conteúdos. O seu discurso inicial de significação é sempre a elaboração de um autor, mas quando distribuído o texto associa em sua amplitude a leitura de um receptor e com ela fica sujeito à nova interpretação ou reconstrução do que nele consta. Um texto é feito de narrativas múltiplas e enunciados que entram em diálogo e contestação e que se acumulam ao final no leitor. É para o leitor que se destinam todas as alusões nas quais um texto é elaborado. É uma constatação de que a sua finalidade não está na origem, mas no seu destino.

A informação tem um sentido imaterial quando vista na elaboração de seu conteúdo significativo e neste estado dificilmente pode ser percebida ou indicada como uma mercadoria de consumo ou um bem econômico para facilitar sua inserção no mundo dos negócios, das tecnologias da produção e consumo. A mercadoria informação só existe em equilíbrio de mercado quando é considerada só por sua base física indicando que resultou de uma condição técnica de produção: um livro, um artigo, um disco de música, uma imagem impressa, uma instalação de arte em uma amostra. Não estamos, aqui, vinculando ao termo "mercadoria informação" a toda a ideologia relacionada com os fatores de produção e valor do trabalho, pois a única produção de que tratamos se processa na mente de um autor solitário e consciente consigo mesmo. Um conteúdo de informação seria um bem econômico torto, por não possuir os atributos necessários para esta caracterização. Não tem uma unidade de medida que possa ser claramente definida, é indivisível em seu todo significativo, é abundante e não é escassa. Conteúdos não são homogêneos em relação a um outro conteúdo na interpretação de quem os "compra", eles, também, não se extinguem com o consumo do comprador, e, sobretudo quando consumida não se transforma em propriedade daquele consumidor. A sua posse mesmo quando defendida por condições legais é de difícil sustentação.

Já um quilo de batatas tem uma clara e divisível unidade de medida, é razoavelmente homogêneo a outro quilo de batatas, é escasso em suas condições de oferta e demanda, e o meu quilo de batatas não vai para a panela de mais ninguém. Acaba quando eu como as minhas batatinhas. Quem fala sobre a mercadoria informação, sem as devidas ressalvas ao seu significado, pode estar falando somente de sua base física e não de seu conteúdo simbólico.

O mercado de informação, se existe, é atormentado pela relação: preço e valor. A mesma "mercadoria" informação possui um valor diferente para diferentes consumidores. Configurar um preço de equilíbrio é impossível, pois tal preço pode estar muito abaixo ou muito acima do que diferentes usuários, com diferentes necessidades, lhe atribuem e estão dispostos a pagar por ela no mercado. Seria o caso de colocar preço no objeto livro, no periódico, no jornal, no disco, mas então, estamos falando de dispositivos e não do conteúdo.

Por razões semelhantes o conteúdo, também, não é um insumo de produção ou um fator de produção; por definição econômica, todo fator de produção perde suas características, desaparece, no processo de produção que faz surgir o novo produto. E isto não acontece com a informação. Por exemplo, as meadas de algodão desaparecem quando da fabricação do casaco.⁵ Existe, lógico, informação reunida em todo o processo de transformação do casaco e na formulação do processo em si. Mas o conteúdo de informação não morre ou se transforma no processo de produção que produziu o casaco.

Nesta reflexão o conceito de valor dos imateriais é relativo e específico para cada indivíduo, de acordo com a sua hierarquia de desejos. Um receptor valoriza um conhecimento em relação a outro conhecimento dentro de uma escala de preferências subjetiva, de utilidade e de prioridade. Neste caso, o valor do conhecimento irá depender a) de sua preferência pelo conhecimento contido em A em detrimento ao conhecimento em B; b) da competência cognitiva em decodificar A e B e tornar possível uma comparação; c) do significado de A e B estarem em um código que seja simbolicamente significativa para o receptor avaliador; d) de este significado estar em uma estrutura que quando distribuída permita o acesso do receptor.

Assim, no julgamento do receptor, o valor do significado da mensagem A é maior que o valor de B, pois o receptor efetuou uma decisão de relevância entre os dois. Portanto, o valor entre as opções de um conteúdo é relativo e subjetivo, obedece a critérios de demanda específica e só se efetiva na potencialidade de existir uma competência de assimilação pelos receptores.

Todo ato de interiorização da informação está associado ao conteúdo simbólico e representa uma cerimônia com ritos próprios de uma geração para uma recepção. No contexto de valor dos imateriais temos que acrescentar novas tipologias de valor: um seria valor simbólico representando a capacidade do receptor em traduzir o conteúdo da mensagem em objeto para o seu entendimento. Outro, o valor circunstancial seria outra medida de uso que corresponde aos conteúdos gerados em sociabilidades⁶ e que poder ficar por muito tempo em construção sem um acabamento previsto em tempo definido. Neste caso, medida de relevância e de valor está presa em uma relação de expectativas circunstanciais do usuário dentro de sua escala de prioridade. Aqui as condições de valor e relevância estão reprimidas, durante o processo em que a informação esta se construindo e o seu momento de sua completeza. O Painel das Nações Unidas sobre o tempo é um exemplo do que queremos ponderar aqui, pois elabora um documento que está sempre em se completando.

A propriedade intelectual de uma informação que é socialmente construída por diversos geradores e em um suporte não convencional, dependerá de se estabelecer um código de convivência e trocas que ainda não foi pensado; e preciso para isso determinar no final de quem é a propriedade da coisa toda. Estes fatores tornam impossível estabelecer um preço de equilíbrio para o conteúdo imaterial em relação a todos os receptores. Está é uma decisão variável dos receptores, quando se fala em adição de valor a uma informação está se indicando colocar mais custo na base física e seus estoques e distribuição. A adição de valor ao conteúdo de uma mensagem é uma decisão que cabe ao do receptor da mensagem, nunca é uma decisão do gerente do sistema de armazenamento e recuperação da informação.

Os Fluxos de Informação

Acredito que os fluxos de informação se movem em dois sentidos: em primeiro plano os fluxos internos se movem para formar os elementos de um sistema de armazenamento e recuperação da informação visando a sua estocagem. Estes fluxos internos operam por uma razão prática visando maior eficácia no processo produção dos estoques de documentos. Este processo que representa o fluxo de armazenamento vai desde a entrada da informação no sistema até sua saída passando pelos estágios técnicos de classificação, indexação, controles e instrumentos de formatação da linguagem livre para reformatação de conteúdos imateriais simbólicos.

A figura 1 abaixo ilustra esta movimentação da informação, no fluxo de armazenamento:



Na figura está o fluxo central de armazenamento e recuperação e os fluxos à esquerda à direita completam o processo do que seria uma diagramação do processo de pensamento, informação e conhecimento. No fluxo esquerdo se realiza uma transferência de conteúdos do imaginário do autor para uma escrita editada em uma base. A essência deste movimento está na passagem de uma experiência ou de um fato ou uma ideia que vem do pensamento do gerador para se transformar em uma escrita editada.

No fluxo à direita há uma intenção de que a informação gerada e processada possa ser assimilada como conhecimento⁷ por um receptor. O fluxo da direita na figura 1 é um processo de aceitação que espera transformar significados imateriais em conhecimento. Uma apropriação que se opera no subjetivismo privado do usuário.

Acredito que estes fluxos explicam muito do mistério e do fenômeno da aceitação da informação na mediação para o conhecer. Explicam sua finalidade no entrosamento que vai desde a criação da mensagem até o conhecimento. Determina com precisão o lugar do autor e do receptor colocando-os fora do sistema de armazenamento e recuperação da informação; em sua ambiência.

Os conteúdos Imateriais e sua estrutura e fluxo

As articulações antecipadoras da representação do formato da informação e seus fluxos na vivência dos indivíduos foram consideráveis a partir, principalmente, de meados dos anos oitenta com a inovação trazida pelos computadores pessoais e as

transmissões em rede. Em uma economia⁸ dos produtos imateriais no sentido técnico de sua produção, estas condições foram pensadas antes da interface gráfica que possibilitou a web em 1991. A importância da estrutura e do fluxo da informação foi assim uma reflexão que se iniciou pela necessidade de, filósofos atuantes a área da percepção, preocupados com as tecnologias intensas de para lidar com a informação surgidas, após 1950 com o fim da segunda guerra.

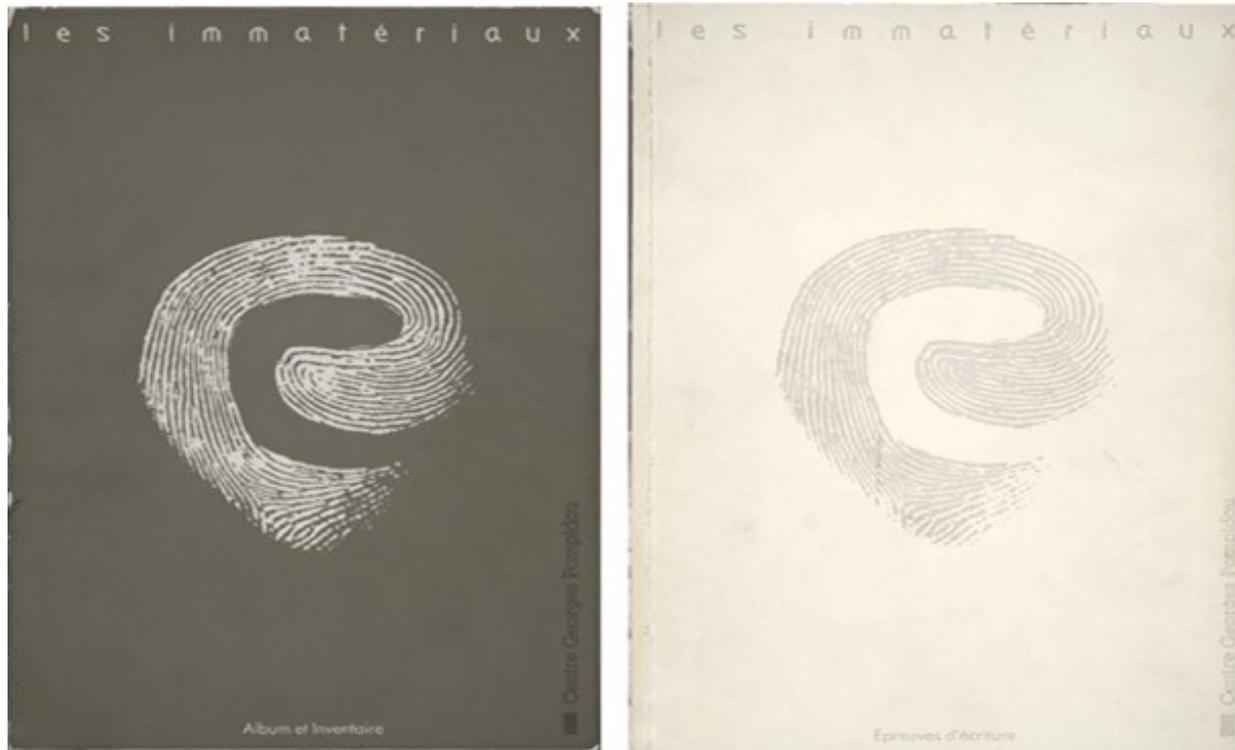
Foi um pensamento que desde seu início se articulou com a emoção e a percepção do significado dos imateriais e seu fluxo em bases físicas diferenciadas. Assim, não é por acaso, que uma conhecida incursão sobre este tema tenha se relacionado com uma exibição em um centro de arte e cultura. A informação advinda pela arte teria a capacidade de colocar o ser humano e suas sensações em uma posição de por em prática uma ideia valendo-se das suas faculdades para dominar a matéria.

A ponderação de [Jean-François Lyotard](#)⁹ e outros filósofos, sobre a estrutura e o fluxo da informação tomou forma explícita em uma exibição denominada “Les Immatériaux” que ocorreu durante 1984 e 1985 no [Centro Georges Pompidou](#) em Paris.

Com um apelo a pós-modernidade ou a modernidade vivencial, a questão que se queria investigar era a modernidade digital que transformou os [artefatos culturais imateriais](#) e seu conteúdo¹⁰. Há vinte e cinco anos o modelo sugerido por Lyotard e baseado no relatório sobre L'économie de l'immatériel¹¹ foi entregue ao Ministro da Economia francês. O político o tinha solicitado na convicção de que lidar com este assunto era tão importante, quanto foram às indicações do famoso relatório Nora-Minc¹² sobre a informatização da sociedade¹³ no final dos anos 1970.

O pensamento inovador sobre os significados imateriais, sua base fixa e sua distribuição em fluxos surgiu na exibição de Paris, em 1985: "Les Immatériaux"¹⁴. Os curadores da exibição foram Thierry Chaput e Jean-François Lyotard, que deu sustentação conceitual ao acontecimento. Abaixo na figura 2 o convite para a exibição:

Figura 2 - O convite



Fonte: referência 10

O propósito de “Os Imateriais” foi trazer a inquietude com a fluidez da informação nas diferentes bases de inscrição. Isto em uma época em que o texto impresso era uma ideia dominante de um padrão de escrita, documento e leitura. No contexto da exibição o visitante era o único culpado pela construção do sentido. Pela primeira vez computadores forma trazidos para o espaço de uma exibição pública. A intenção era mostrar que naquela atualidade (1985) tudo era informação e que os sentidos estavam cada vez mais entrelaçados com a forma e a estrutura em que o conteúdo estava inserido. A questão estava em:

Podem conteúdos simbólicos mudar a relação do homem com a realidade material como fixado na modernidade cartesiana do homem a transformar-se em mestre e dono da natureza? Lyotard acreditava que a passagem de uma sociedade industrial para uma sociedade de informação teria efeitos profundos sobre o espírito humano. Presumido que as tecnologias da telecomunicação e da informática fossem capazes de assumir as tarefas mentais do armazenamento e processamento de dados desmaterializados - a relação do homem com a realidade mudaria radicalmente.

As novas tecnologias da percepção de conteúdos em fluxo foi simultaneamente o ponto de partida e a marca para o leiaute que Lyotard diagramou a exibição dos “Les Immatériaux” em Paris. Usando um grande número de micro computadores e terminais, projeções imagéticas e outros aparelhos de tecnologia de apresentação de um conteúdo, a exposição como um todo funcionava como um vasto banco de dados. Os visitantes, os objetos, os elementos cenográficos, e os sons estavam em um intercâmbio

constante e direcionado.

Trazia-se assim ao receptor a informação em uma variedade de estruturas de suporte que se modificavam com o caminho que ele percorria. A diagramação do espaço permitia a cada visitante desenhar seu fluxo de interação particularizado. Com esses recursos a exposição transformou uma imagem do que seria o futuro da informação trazendo isso para uma realidade diagramada no presente.

Estava ressaltada a importância de estruturas emaranhadas de informação onde o significado provocaria um estranhamento ¹⁵ na condição cognitiva do receptor, ao andar naquele ambiente, para lidar com a emoção do compreender. Neste caso o propósito foi promover a sensação das coisas como elas são percebidas e não como elas são conhecidas. O alvo foi tornar os objetos não familiares ou fazer com que as formas ficassem de difícil apreensão; aumentar a dificuldade e capacidade de percepção, porque o processo de inteligência tem um fim em si mesmo e deve ser prolongado. A sensação é sempre um caminho para lidar com um objeto; o objeto não é importante. ¹⁶

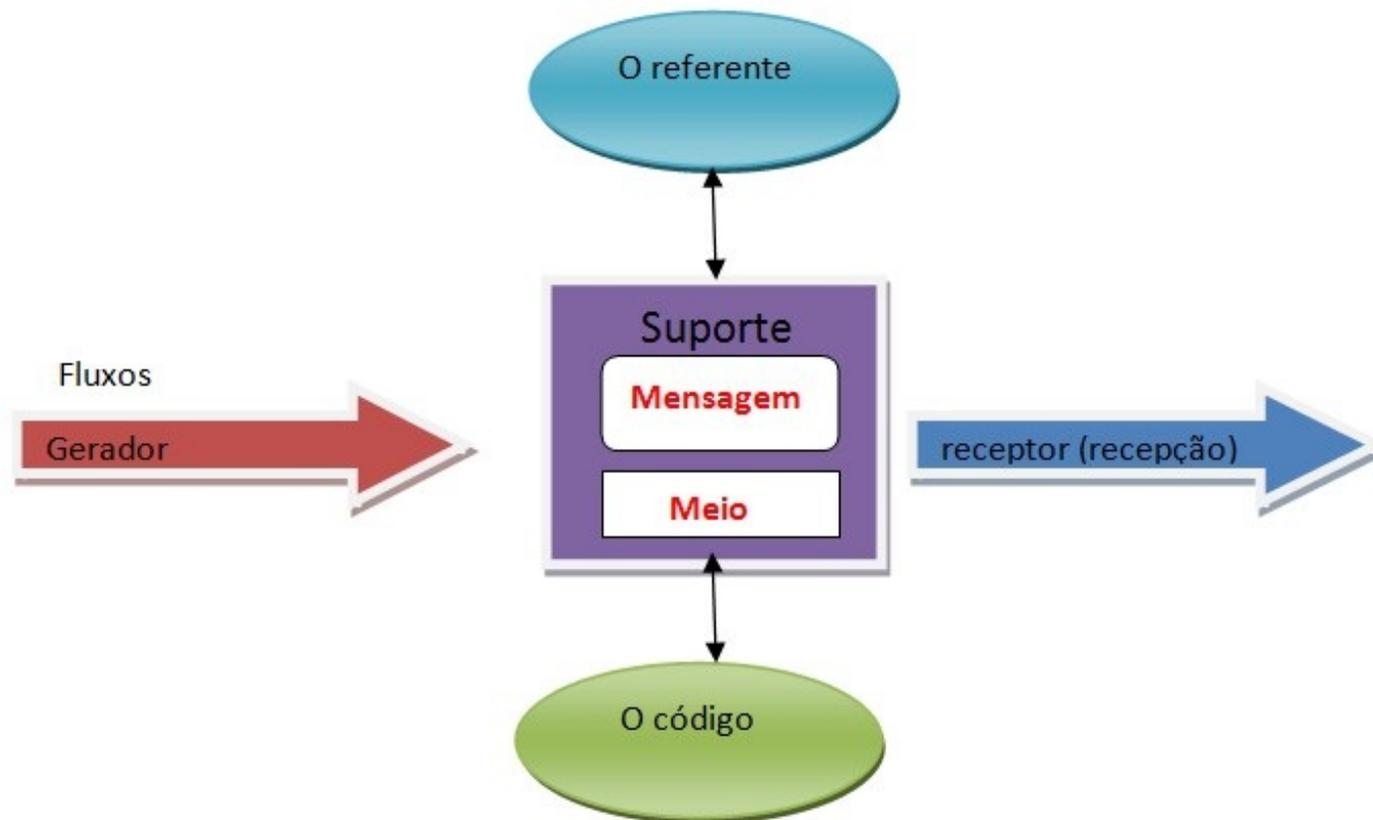
A exibição criou um protótipo para se observar fisicamente em uma instalação a diferenciação da linguagem em para divergentes tipos de estrutura e fluxo dos significados em discurso. Cada participante era convidado a reagir a um conjunto de informação mostrada em diferentes formatos durante o percurso pela mostra. Jacques Derrida foi um dos convidados a participar da experiência. A primeira articulação de Jaques Derrida foi à resposta a uma questão sobre como se processa a compreensão das palavras: *qual o limite de um sussurro interior, de uma a voz interior como se fosse à voz do outro? Seria uma voz elaborada por síntese?* (Quelle est la limite d'une voix basse, d'une voix intérieure comme voix de l'autre ? Voix synthétique ?). Esta questão em particular foi discutida por um bom tempo entre Derrida e Lyotard nos periódicos franceses.

A estrutura da exibição: os significados em fluxo

O próprio Lyotard foi fundamental não só para assegurar a participação de figuras proeminentes no átrio da exibição e também participou na concepção de estrutura global da configuração linguística do evento ¹⁷. Já na primavera de 1984, Lyotard tinha sugerido para o esboço temático e visual que seria a fusão entre as cinco expressões em francês decorrentes da raiz indo-europeu da palavra “*mât*” (mastro em uma embarcação). Esta articulação seria a trajetória do visitante interagindo com o leiaute que desenvolvido pela primeira vez por [Harold Lasswell](#) ¹⁸.

O estranhamento do receptor deveria vir de sua interação quase ao mesmo tempo com cinco ações de percepção do discurso: – Quem Diz/ Diz o Que / Em que canal / Para Quem / Com que efeito - o diagrama da mostra seguia esta proposta. O que queriam os curadores era desencadear um curto-circuito epistemológico entre discursos heterogêneos, o poético e o científico dentro das correspondências: *matériau* = suporte da informação, *matériel* = o receptor (*a quem a mensagem é endereçada*), *maternité* = o gerador (*emissor da mensagem*), *matière* = o referente, e *matrice* = o código. Na figura 3 se coloca a concepção teórica que definiu a estrutura da exibição.

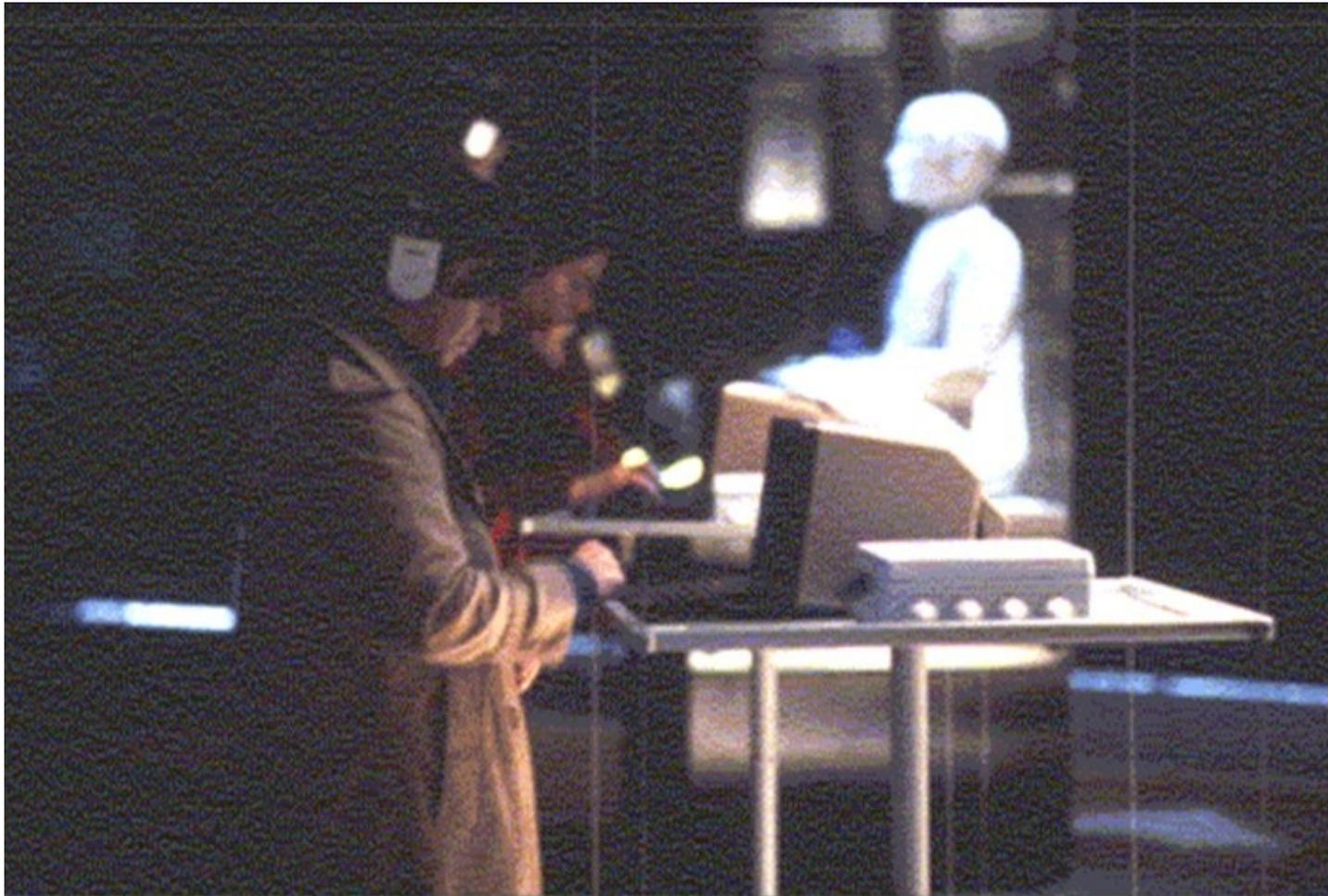
Figura 3 ¹⁹ - Diagrama de comunicação da mostra ²⁰



Fonte: adaptado de [20](#)

Os desenhos do catálogo da exposição indicam que o esquema de “Les Immatériaux” tinha alcançado um estágio quase definitivo em setembro de 1984. O visitante e participante uma vez passado um corredor de entrada teria de escolher uma entre cinco vertentes para adentrar a exibição; cada uma das vertentes correspondendo a uma das cinco opções [Quem Diz / Diz o Que / Em que canal / Para Quem / Com que Efeitos]. Cada opção ou vertente, por sua vez iria incorporar um certo número de “zonas”; cada zona tinha uma trilha sonora, audível através de “headphones” distribuídos a cada visitante antes de entrar na exibição. [A trilha sonora, foi selecionada por Lyotard e preparada operacionalmente pelo técnico do Centro Gérard Pompidou, Chiron, e era composta de uma série de fragmentos de textos literários e filosóficos indo de Maurice Blanchot [21](#) até Samuel Beckett [22](#)].

Figura 4 - Um site da exibição - Nu Vain



Fonte: site Nu Vain, referência [10](#)

Uma "zona" estava subdividida em vários 'sites' de diversos tamanhos, com "instalações de referência" para a vertente considerada. Por exemplo, o site 'Nu vain' (O corpo vaidoso) foi criado pela cenarista Martine Moinot e era composto de doze manequins assexuados; ouvia-se um som de fundo de [uma passagem rítmica do filme](#) de Joseph Losey, Monsieur Klein [23](#), sendo alternando com uma [foto de um prisioneiro de um campo de concentração](#) [24](#). À medida que o visitante entrasse neste site ouviria a voz do poeta e dramaturgo [Antonin Artaud](#) [25](#) recitando ["Pour en finir avec le jugement de Dieu"](#) ("Para acabar com o Julgamento de Deus") [26](#). Assim, guiado ou, mais precisamente, desguiado, através de uma luz cadente, percorria-se a exposição ora pela trilha sonora ora o visitante isolado fluía de um site para novo site nas várias vertentes da mostra onde a estrutura da informação se diferenciava ou a informação era mostrada em várias estruturas ao mesmo tempo. Em seu caminhar o receptor era exposto a distintas estruturas de significação em diferentes mídias e deixava relatado em um arquivo de computador a sua interpretação das narrativas imateriais ao

qual tinha sido exposto.

Cada visitante registrava sua sensação e percepção da informação recebida em cada um dos diferentes "sites", pois havia um terminal de computador em cada site visitado. Em 1986 um compreensivo relatório sobre os resultados colhidos em "Les Immatériaux" foi publicado pela socióloga [Nathalie Heinich](#). Em 2009 a [Tate Gallery de Londres](#) fez uma revisão da exposição onde que Nathalie Heinich [27](#) apresentou um esclarecedor artigo [28](#) do qual ressaltamos o trecho:

"Sobre a exposição em si, a principal conclusão da minha pesquisa foi à variedade dramática e a instabilidade das percepções e reações, de um visitante para outro e até, por vezes, de um momento para o outro para o mesmo visitante. (*Eu descobri que o mesmo fenômeno surgiu nos comentários dos jornalistas que cobriram a exposição*). Isto não foi apenas o resultado de mal-entendidos. Foi principalmente o resultado de um «efeito fronteira» ao deparar-se com o novo, em consequência da inovação na apresentação da informação. A dificuldade de formular uma opinião firme sobre "o que se deve dizer sobre isso" é algo constante diante do novo. Por conseguinte eu encontrei pouca equivalência entre opiniões e colocações impressas dos visitantes da exibição *Les Immatériaux*".

Os resultados da pesquisa detectaram também uma espécie de homologia, uma repetição das mesmas palavras no discurso, entre a exposição e o Centro Pompidou em si: ambos, a exposição e o centro, foram vistos por muitos visitantes como labirintos, onde as pessoas se sentiam mais, ou menos, à vontade de acordo com seu *habitus* de convivência. Aqueles que tiveram a capacidade de incorporar as pistas necessárias, para um passear em mosaicos, sem se sentir perdido - principalmente devido ao seu maior nível de educação - se sentiu "em casa" em *Les Immatériaux* e no Centro Pompidou. As pessoas que não podiam contar com uma autoconfiança ou condições cognitivas para lidar com as referências enigmáticas colocadas ao vaguear pelo espaço de exposições, experimentou uma sensação de desconforto, de perda, e ocasionalmente se sentiram ameaçados ou mesmo enganados. Isto é o que poderia ser chamado de "l'effet Beaubourg" [29](#), explicado por Pierre Bourdieu na sua teoria de *habitus* [30](#)."

A escrita e a leitura são determinadas pelo contexto das trocas de enunciados: o "differend" [31](#)

Todo homem se desenha pelas escolhas que vai fazendo ao longo de sua vida. Nenhum objetivo importante é alcançado sem alguma luta, sem algum conflito consigo mesmo e com os outros. A natureza humana é contraditória e tão forte é a contenda do ser que transcende as condições de convivência do homem na terra. Vivemos em uma articulação de conflitos e somos contraditórios, não conseguimos viver sem disputas comunicacionais quando interagimos. Minoramos esta discórdia fundamental no lidar com a linguagem do diferente. Aqui o conhecimento do outro e o que dele se diz induz a maior ou menor credibilidade e estabelece um estatuto do emissor, onde a presença do sujeito que enuncia pode marcar as expectativas que provoca no receptor.

Ao enunciar atos de informação, de forma oral ou escrita, transferimos fatos e ideias esperando convencer nossos espectadores que irão julgar e acolher nossos feitos, ditos ou escritos e repassar esta apreciação ao longo do tempo. A incidência do viver por uma presença recolhida em uma realidade sem exigências de consenso ou exposição ao mundo real é um objetivo muito forte. A liberdade de convivência expõe de forma ampla o pensar e a expressão de uma visibilidade, nem sempre requerida mas referenciada ao seu próprio mundo fechado em sua esfera de verdade. Uma estrutura formada na socialização das enunciações escritas.

O estranhamento e a individualidade de cada discurso em convivência é o “*differend*” ³² não o consenso. A sensação da percepção dos significados não é universal em sua condição estética ou moral. Neste jogo de enunciados cada lance marca a destruição de um pela violência do “*diferend*”. O *diferend* não pretende ser nenhum formato ou uma escrita que represente um pensamento geral, pois ele é o estado instável da linguagem, onde não se pode, ainda, colocar frases devido a uma condição imponderável. O “*differend*” coincide com um o estado emotivo do pensamento; é aquela sensação que temos de “*não conseguir ainda achar as palavras certas*” para finalizar o que queremos dizer. As palavras e os silêncios trazem o sentimento do languagear em convivência com outros em um contexto específico. Um contexto de “*differend*” na vivência e convivência quando a escrita procura um idioma que ainda não existe. Estabelece uma troca particularizada de enunciados com silêncios nas convivências particularizada das trocas de enunciados imateriais. Este foi o estranhamento que Lyotard colocou em sua experiência no George Pompidou.

O Modo da Informação

A informação tem variada tipologia. Uma narrativa é um conjunto de expressões inscritas em uma base na multiplicidade de configurações de uma língua. Constitui um todo unificado passível de ser distribuído por um canal de transferência.

Uma alocação de significação é uma elaboração do autor, mas quando distribuída como narrativa associa em sua amplitude: a leitura, o receptor e uma interpretação ou reconstrução daquele discurso. O significado é um *differend* que vem de escritas que entram em diálogo; entram em contestação e se acumulam no leitor. No receptor está o ambiente exato em que se inscrevem todas as referências de uma interface que se transforma em idioma; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino e este destino não pode ser particularmente descrito: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia ³³.

Uma estrutura de informação pode ser sequencial e centrada em uma narração continua. Pode, também, ser acêntrica e sem destino exato, composto por varias estruturas que se narram em paralelo. A escrita quando deu ao homem valores visuais causou-lhe a consciência fragmentada. Na época da convivência dos espaços auditivos, a comunicação de enunciados, intercedida por muitas vozes, ficava no espaço mediado pela distância entre emissor e receptor.

Foi à tipografia que terminou com a cultura auditiva tribal e permitiu a escrita multiplicar possibilidades de se emitir no tempo e no espaço. O homem acostumado a um pensamento em linha classificou e organizou a informação linearmente hierárquica, em uma série contínua de graus e escalas. Produziu famílias temáticas em hierarquias crescentes ou decrescentes. Usou arranjos por categorias indicando suas subordinações em relação a uma cadeia de parentesco dentro de um universo de termos particularizados.

A passagem dos enunciados lineares para a de redes digitais produziu uma desfamiliarização temática e um adiamento do significado que ficou espatifado nas trilhas de passagem dos textos interligados. No mundo digital sem centro definido configura-se uma adaptação na relação do receptor com a apreensão do conhecimento. O texto construído em emaranhados traz uma vinculação de cadeias imprevisíveis sem qualquer qualificação de famílias com temática hierárquica.

Conhecer, então, é como se apropriar de enunciados alinhavados por textos que se cruzam; é como construir uma bricolagem, onde cada junção de pedaços necessita uma permissão do saber; a concessão de se ligar que é dada pela possibilidade do assimilar aquela

narrativa. Uma bricolagem que é individualizada para cada receptor. Uma nova estrutura e um novo fluxo de informação se estabelecem com a web 2.0 que é em tudo muito semelhante à experiência dos Imateriais em Paris de 1985.

A escrita em seus contextos de existência admite a liberdade ao lidar com o texto livre das amarras da composição única. O código linguístico será sempre comum e permanece como pano de fundo, como um elemento silencioso e razoavelmente compulsório. Os enunciados são contingentes com o contexto do outro e acontecem em uma interface que é só uma mediação gráfica desta linguagem comum.

É preciso então estabelecer a diferença entre a linguagem estruturadora e a grafia volátil e mutável no diálogo dos enunciados. A escrita em cada um de seus formatos é uma tecnologia que se espelha, mas não se subordina ao código de lenta mudança. Para as estruturas em fluxo existe um contínuo colóquio de enunciados entre geradores e receptores. Os envolvidos possuem afinidade em seus intentos o *"differend"* de uma língua em construção. Os jogos de informação acontecem com estruturas que não carecem de visibilidade, pois existem não pela presença básica, mas por uma visibilidade potencial de estar ali. Pois, um registro de significado é formado pelas inscrições que uma linguagem fixou em um determinado e suporte; uma agregação que compõe o todo significante. A percepção deste sentido envolve emoção e sensação que pode vir de um discurso oral, uma peça musical, uma imagem um corpo em movimento ou qualquer representação artística.

Convivemos intensamente com estruturas diferenciadas para os diferentes conteúdos, onde a sedução para o significado é uma viagem por narrativas linkadas; a escritura traz um novo modelo para a percepção e para no imaginário da leitura. As bases das narrativas foram virtualizadas. Estamos convivendo com um novo padrão de inteligência que interage com novos conjuntos simbólicos.

O imaginário adia o significado dos enunciados até que se percorram todos os caminhos, todas as conexões, todas as metáforas. Palavras e frases têm uma fissura para deixar passar significantes libertados de uma relação biunívoca. Uma possibilidade do imaginário de ir além de uma representação privilegiada para um signo atribuído. O entendimento na tecnologia atual das trocas de enunciados é imediato, mas com um arranjo de estrutura e fluxos em nova formação. Persiste, contudo o antigo "surrogate" ³⁴ da informação e do conhecimento. Estudos exploratórios ³⁵ informam que:

a) A mediação da informação para geração do conhecimento se relaciona qualitativamente com o formato em que o conteúdo está inscrito. A percepção do significado pode se espaçar considerando as estruturas de inscrição e o fluxo de disseminação. A assimilação do conhecimento se processa de maneira diferente quando o receptor interage com diferentes artefatos de suporte da informação.

b) A percepção da informação digital, por exemplo, gera conhecimento diferenciado e mais elaborado considerando a possibilidade de uma maior abrangência temática das narrativas. A percepção dos conteúdos imateriais em documentos com formato digital, estocados em arquivos eletrônicos, acontece por um fluxo de pensamento divergente ³⁶, onde os meandros da consciência se orientam para uma associação conceitual que é referenciada à aventura individual e simbólica de cada receptor.

As condições modais de uma mensagem e as suas vertentes de transferência influenciam a percepção do significado. Artefatos

imateriais criados por um gerador para produzir sentido em outro são interiorizados de acordo com as possibilidades de elaboração do pensamento dentro de determinado fluxo de conhecimento.

A exibição francesa de 1985 parece ter demonstrado este ponto. Ela não foi uma experiência só sobre informação ou sobre arte ou informação sobre arte; foi muito mais que isso: uma imbricação entre pessoas e seus produtos imateriais; emoção e percepção, conhecimento e saber. A intenção desta narrativa foi, também, documentar o esquecido evento tão importante para o lidar atual com a informação e seus conteúdos.

Notas e Bibliografia

1 Teixeira de Pascoaes, Editor Assírio & Alvim, Lisboa, 1999, Verbo Escuro, p. 170.

2 Estrutura: A base física da informação. Modo de organização de elementos de uma narrativa, onde estes adquirem sentido apenas enquanto fazendo parte de um conjunto com ordenação lógica e racionalidade.

3 Enunciados: Nas estratégias textuais os enunciados em um texto escrito são conjuntos de uma escrita que apontam para uma particularidade na dimensão total do discurso. Jogo de informação escrita em sociabilidades online. Ver, também, nota 31 abaixo.

4 Texto: Conjunto de palavras e frases articuladas, escritas sobre um suporte formado por um conjunto de narrativas compondo uma peça de informação sobre determinado tema.

5 Ragnar Frish, Theory of Production, Dordrecht-Holland, Netherlands, 1965

6 Sociabilidades - conceito que supõe um conjunto de pessoas unidas por vínculo socialmente determinado, com afetividade orgânica de pertencimento para objetivos comuns. São as redes de convivência com uma ligação baseada em relações convencionadas para atuarem com a presença física ou presença virtual das redes de Internet

7 Conhecimento: é organizado em estruturas mentais por meio das quais o sujeito assimila o meio (informação). Conhecer é um ato de interpretação, uma assimilação de significados pelas estruturas mentais do sujeito. Estas estruturas mentais não são pré-formatadas no sentido de serem programadas nos genes. As estruturas mentais são construídas pelo sujeito sensível, que percebe o meio e com ele convive e se apropria. A Produção ou geração de conhecimento é uma reconstrução destas estruturas mentais no

sujeito através de suas competências cognitivas, ou seja, uma modificação no estoque mental de conhecimento acumulado, resultante de uma interação com uma informação.

8 L'économie de l'immatériel est une expression quelquefois employée pour désigner la nouvelle forme d'économie dans laquelle la plupart des pays développés et émergents se sont engagés depuis quelques années. Pour désigner cette mutation, d'autres expressions sont aussi employées, comme économie du savoir, économie de la connaissance, ou économie post-industrielle. L'expression économie de l'immatériel met l'accent sur l'aspect supposé "immatériel" que prend l'information dans les économies modernes. Il faut pourtant remarquer que le terme immatériel est trompeur, puisque dans le processus de dématérialisation, l'information, qui était sur support papier, passe sur des support électroniques qui sont également matériels (matériels informatiques, réseaux, bases de données,...). L'évaluation de l'immatériel se fait ainsi en fait toujours par différence entre une valeur de marché et la valeur de ces éléments tangibles et non directement. Dans l'économie de l'immatériel, le secteur tertiaire, c'est-à-dire les services, devient prédominant par rapport au secteur primaire (l'agriculture,...), et au secteur secondaire (l'industrie). Jean-Marc Jancovici montre que la dématérialisation de l'économie ne permet pas de diminuer les consommations de ressources. En France, à la suite de la publication du rapport Lévy-Jouyet sur l'économie de l'immatériel, a été créée le 23 avril 2007 l'agence du patrimoine immatériel de l'État.

9 Jean- François Lyotard - filósofo francês, foi um dos mais importantes pensadores na discussão sobre a pós-modernidade. Autor do livro A Condição Pós-Moderna e O Inumano, onde utiliza o conceito de "jogos de linguagem". O Pós-Moderno seria "o estado da cultura, depois de transformações súbitas nas regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes, a partir do século XIX. É a incredulidade em relação às metanarrativas." Segundo Lyotard "não podemos mais recorrer à grande narrativa - não podemos nos apoiar na dialética do espírito nem mesmo na emancipação da humanidade para validar o discurso científico pós-moderno".

http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-François_Lyotard Visto em 12 FEV 2010

10 Favaretto C., Assis J., Anderáos R., Ribenboim R., Moreira R. Os imateriais em meio virtual em

<http://www.file.org.br/file2001a/itau2.htm> Visitado em 21/01/2010

11 Ministère de l'économie, des finances et de l'industrie, L'économie de l'immatériel : la croissance de demain, LEVY Maurice , JOUYET Jean-Pierre , FRANCE. http://www.minefi.gouv.fr/directions_services/sircom/technologies_info/immatériel/immatériel.pdf Visitado em 22 fev 2010

12 A história da produção literária no que tange aos aspectos tecnológicos da escrita em novos formatos e sua disseminação por diversos fluxos é uma das condições mais interessantes pelos caminhos que tomou. Em 1971, os Estados Unidos despontavam com a publicação de Brzezinski: *"Between two ages. America's Role in the Technetronic"*. Era o que consolidava o conceito norte-americano de Sociedade da Informação e discutia os efeitos da era tecnoeletrônica para a política internacional. Sete anos depois, na França é publicado o relatório Nora-Minc sobre a informação da sociedade. No relatório, Simon Nora e Alain Minc procuram definir o estado das coisas e o papel da informática na sociedade. *"A informática crescente da sociedade", escrevem eles, "está no âmago da crise, ela pode agravá-la ou contribuir para sua solução". Ela revoluciona todo o 'sistema nervoso das organizações e da sociedade por inteiro"* Só em 1978 no Relatório Nora-Minc: l'informatisation de la société surge o neologismo TELEMATIQUE com o significado literal de Informática à distância reunindo assim pela primeira vez as Ciências Informática e das Telecomunicações sob um objetivo comum.

13 NORA, Simon & MINC, Alain. A informatização da sociedade. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1980.

14 Les Immatériaux, Exhibition held at Centre Georges Pompidou in Paris on 28 March - 15 July 1985. Commissioned by Jean-François Lyotard and Thierry Chaput.

15 Estranhamento ou Ostranenie (остранение) termo utilizado pelo formalista russo Viktor Chklovski em seu trabalho "Iskusstvo kak priem" ("A Arte como processo") ou ("A Arte com procedimento"), publicado pela primeira vez em Poetika (1917). A tradução do termo ostranenie, para o português ou para o inglês tem sido escolhida como singularização ou defamiliarização (defamiliarization) e estranhamento (estrangement). A tradução portuguesa opta pelo termo "singularização", mas este pode ser limitador. A alternativa, na língua inglesa, o neologismo enstrangement, também intraduzível ao português, parece mais apropriada a forma portuguesa "estranhamento". O estranhamento é essa forma singular de ver e apreender o mundo e aquilo que o constitui, visão que a literatura e a arte alargam, porque desafia e transforma as ideias pré-concebidas sobre real e sobre as próprias formas da Arte

http://pt.wikipedia.org/wiki/Viktor_Chklovsky

16 Shklovsky, V., Art as Technique, em L. T. Lemon and M Reis, eds., Russian Formalist Criticism. University of Nebraska Press, 1965.

17 Antony Hudek, From Over-to Sub-Exposure: The Anamnesis of Les Immatériaux, Tate Papers Autumn 2009

18 Harold Lasswell - http://pt.wikipedia.org/wiki/Harold_Lasswell visitado 17fev 20101.

19 Petit Journal, 28 March–15 July 1985, Paris, p.2, Diagram adaptado do de Sara De Bondt

20 O layout proposto para a exibição:



maternité = destinateur (the message's emitter)

matériau = support (medium),

matériel = destinataire (to whom the message is addressed),

matière = réfèrent (the referent),

matrice = code (the code)

21 Maurice Blanchot - http://pt.wikipedia.org/wiki/Maurice_Blanchot Visto em 12 Fev 2010

22 Samuel Beckett - http://pt.wikipedia.org/wiki/Samuel_Beckett Visto em 12 Fev 2010

23 <http://www.youtube.com/watch?v=iy5dFEBeHOo> Visto em 12 Fev 2010

24 <http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/USACWandersonv.jpg> Visto em 12 Fev 2010

25 Antonin Artaud - http://pt.wikipedia.org/wiki/Antonin_Artaud Visto em 12 Fev 2010

26 “*Pour en finir avec le jugement de dieu*” , est une création radiophonique d’Antonin Artaud, enregistrée dans les studios de la radio française entre le 22 et 29 novembre 1947. C’est toute la puissance subversive d’Artaud qui y parle, qui crie, qui hurle : poésie de la cruauté, érucción verbal dénonçant avec une vigueur effrayante tout ordre moral, religieux, détruisant tous les tabous. Ouvrir em: <http://mais.uol.com.br/view/tuy89orfhevq/pour-en-finir-avec-le-jugement-de-dieu--antonin-artaud-040266D0B19386?types=A&>

27 Nathalie Heinich http://fr.wikipedia.org/wiki/Nathalie_Heinich visitado em 17 fev 2010.

28 Nathalie Heinich, Les Immatériaux Revisited: Innovation in Innovations, TATE’S ONLINE RESEARCH JOURNAL, Tate Papers Autumn 2009. <http://www.tate.org.uk/research/tateresearch/tatepapers/09autumn/heinich.shtm> Visitado em 30 FEV 2010

29 O Centro Nacional de Arte e Cultura Georges Pompidou, localizado no centro de Paris, na antiga região de Beaubourg foi aberto ao público, em 1977, como espaço voltado para a criação artística moderna e contemporânea. O Centro representa, em verdade, para Jean Baudrillard , na “limpeza da fachada, desinfecção, design snob e higiênico”, a fissão cultural e a dissuasão política. A primeira, pelo domínio da comercialização na produção cultural contemporânea e pelo próprio complexo arquitetônico como atração maior que a cultura em si; a segunda, pelas mudanças de superfície no sentido social e urbano para manter antigos conteúdos cristalizados. O efeito Beaubourg, ou seja, o tratamento espetacular da ocupação de áreas da cidade por projetos artísticos e culturais é na visão de Jean Baudrillard, uma total contradição com o conteúdo instrutivo e formativo que justificam aqueles espaços [ver em Distinção e Enobrecimento Urbano: os Centros Culturais e o Mercado de Bens Simbólicos Trabalho de Marco Estevão de Mesquita Vieira apresentado no XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. 2007.]

30 Bordieu e Habitus http://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre_Bourdieu visitado em 12 Fev 2010.

31 Lyotard descreve a incomensurabilidade da imaginação e da razão como um differend. O differend é ser encontrado no centro do sentimento sublime: no encontro dos dois 'absolutos' igualmente presentes para o pensamento, a totalidade absoluta quando se concebe e o absolutamente medido quando se apresenta. A situação é análoga a colisão de dois jogos de linguagem diferentes, cada

um absoluto nas suas regras. A imaginação fala uma linguagem de formas, de medidas; a razão fala uma língua do sem forma, da infinitude. O "differend" entre eles é insolúvel: "Este conflito não é uma disputa normal, que uma terceira instância poderia pôr fim, mas um differend fundamental". Sublime sentimento nos sensibiliza para um "fora e um dentro" do pensamento ou para um "abismo" que separa a imaginação e a razão. Sublime sentimento torna-se, como resultado, "o transporte que leva todo o pensamento para os seus limites." LYOTARD, JEAN-FRANÇOIS, The Differend: Phrases in Dispute.

32 LYOTARD, JEAN-FRANÇOIS. The Differend: Phrases in Dispute. Minneapolis: U of Minnesota , USA 1988.

33 Barthes, R., O Rumor da Língua, Edições 70, Lisboa, 1987

34 surrogate : a chave que maneja duas condições comutando a passagem de um estado para um outro.

35 Barreto, A.de A., Mediações digitais, Datagramazero v.10, n.4, ago/09, ARTIGO 01

http://www.dgz.org.br/ago09/Art_01.htm visitado em 25jan2010

36 Pensamento Divergente - caminha em diferentes direções para determinar significados, como que pesquisando os meandros da elaboração do pensamento em cognições prévias. Pode ter seu significado adiado ou desfamiliarizado tematicamente até percorrer todos os enunciados entrelaçados. Entendemos por pensamento convergente, aquele em que o enunciado se direciona a uma cadeia de ligações cognitivas precisa e direcionada a um ponto. É o pensamento determinado, convencional, pontual e que se abriga no interior de uma mesma composição.

Sobre os autor / About the Author:

Aldo de Albuquerque Barreto

aldobar@globocom

Doutor em ciência da informação pela The City University de Londres, Inglaterra. Pesquisador Sênior do CNPq.

